

Atitudes sociais em relação à inclusão. Perfil de alguns professores do Município de Guarulhos/ SP

INGRID DA SILVA RICOMINI¹

No intento de conhecermos as atitudes sociais dos professores de educação infantil e ensino fundamental regentes nas classes comuns do município de Guarulhos, num contexto de inclusão escolar, realizamos entre os anos de 2011 e 2012 um estudo junto a 114 professores, de sete unidades escolares, a fim de distinguirmos suas opiniões, acerca do tema inclusão escolar.

O recurso metodológico adotado durante a pesquisa foi a Escala de Atitudes Sociais em relação à Inclusão (Elasi – forma A). Sendo uma escala estruturada no modelo Likert².

Por meio da Elasi – forma A, mensuramos as atitudes sociais em relação à inclusão dos professores, divididos em dois grupos: Grupo I – prof^o de educação Infantil e Grupo II, prof^o do ensino fundamental, totalizando 114 participantes e regentes junto aos alunos com algum tipo de deficiência ou transtorno global do desenvolvimento (TGD).

A Elasi se estrutura em quinze enunciados favoráveis, quinze enunciados desfavoráveis e cinco da escala de mentira, quanto ao valor atribuído para os itens temos: uma variação de zero a cinco. Já na escala de mentira, o valor zero significa que o respondente seguiu corretamente as instruções e não cometeu equívoco. Agora o valor cinco ou próximo dele (quatro), significa que os dados obtidos são pouco confiáveis, por sua vez os respondentes que obtiveram escores altos na escala de mentira foram excluídos da pesquisa.

*

Os escores foram obtidos por meio da mensuração de todos os itens da Elasi, a pontuação para os itens favoráveis ocorreu assim: nota 5 para a letra A; 4 para letra B; 3 para letra C; 2 para letra D e 1 para letra E. Nos itens desfavoráveis, a correção se fez

¹ * Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), campus de Guarulhos. Mestre em Ciências: Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. Financiamento – CAPES.

² Escala desenvolvida e sistematizada pelo grupo de pesquisa: diferença, desvio e estigma Unesp – Marília.

de modo inversamente proporcional, ou seja, foi atribuída a nota 5 para resposta E; nota 4 para resposta D; 3 para resposta C; 2 para resposta B; 1 para resposta A, quanto aos itens da escala de mentira foram pontuados com 1 para as respostas D ou E e zero para as resposta A,B ou C.

A conjunção desses cálculos permitiu-nos mensurar para cada respondente o menor e o maior escore em relação à inclusão, sendo o quartil 1 (Q1), a mediana (MD), e o quartil 3 (Q3). Com tais valores, os respondentes foram situados dentro do grupo ao qual pertencem - os 25% com atitudes mais desfavoráveis à inclusão (entre min e Q1), os 25% com atitudes um pouco mais favoráveis ou menos desfavoráveis (entre Q1 e Md), os 25% ainda mais favoráveis (entre Md e Q3) e os 25% menos desfavoráveis de toda amostra (entre Q3 e Max).

Considerando os resultados demonstrados pela Elasi- *forma A*-, refletimos, acerca da importância dos aspectos relativos a formação inicial, tempo de atuação no magistério, demanda de alunos incluídos como características potencializadoras ou dificultadoras para a atuação pedagógica do professor junto aos alunos com deficiência e transtorno global do desenvolvimento.

Dentre os procedimentos de pesquisa adotados houve a informatização³ da escala por meio da digitalização em um sistema online de preenchimento, acessível pelo endereço eletrônico do Centro Paulista de Neuropsicologia (CPN). Além da aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp, sob o registro 1630/10.

TESTES ESTATÍSTICOS

Os resultados foram analisados por meio dos testes: Alfa de Cronbach, que consiste no método utilizado para verificação da consistência interna dos dados. Este método tem sido bastante usado para estimar a confiabilidade de instrumentos de

³O suporte técnico informatizado de acesso a *ELASI- forma A*, foi prestado pela *ATRIUM /SP CONSULTORES*, que disponibilizou *login* e senha de acesso restrito aos administradores da pesquisa, possibilitando acompanhamento em tempo real do número, data e localidade dos sujeitos participantes da pesquisa.

www.cpnsp.com.br, no qual os professores entraram com um *login* e senha único previamente cadastrado, *login*: pesquisa; senha: professor para preenchimento da escala.

medida (Cronbach, 1951). A ANOVA – Analysis of variance é um teste paramétrico bastante usual, ele faz uma comparação de médias utilizando a variância, foi utilizado para as comparações dos escores para a escolaridade e a ocupação.

Seguido pela Correlação de Pearson que consiste na técnica utilizada para mensurar o quanto as variáveis estão interligadas, ou seja, o quanto uma está relacionada com a outra. Os resultados foram dados em percentual facilitando o entendimento. Vale lembrar que, podemos ter valores positivos e negativos.

Empregamos também o teste para o coeficiente de variação, que é utilizado como no caso da média e variância, para testar o coeficiente de correlação entre duas variáveis, utilizado para analisar a descritiva completa para idade e tempo de magistério, e também quanto a descritiva completa para os escores: ideológico, operacional e mentira. Seguido pelo teste de igualdade de duas proporções utilizamos quanto a distribuição da escolaridade, que é um teste não paramétrico que compara se a proporção de respostas de duas determinadas variáveis e/ou seus níveis é estatisticamente significantes.

O intervalo de confiança para a média é uma técnica utilizada quando queremos ver o quanto a média pode variar numa determinada probabilidade de confiança.

Lembramos que o resultado de cada comparação possui uma estatística chamada de p-valor. Esta estatística é aquela que nos ajuda a concluir sobre a significância do teste realizado. Igualmente utilizamos os testes inferenciais de associação entre os dois grupos de ocupação, referentes as perguntas de 1- 35, que compõe a Elasi – forma A, conjuntamente foi utilizado a extensão do teste exato de Fisher e o teste de Qui-quadrado de Pearson.

ATITUDES

As atitudes são integradas pelos componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. Desse modo, o cognitivo é o conhecimento oriundo do objeto atitudinal, afetivo: sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação ao objeto atitudinal; comportamental é considerado a predisposição para reagir ao objeto atitudinal (TANAKA, 2007). De acordo com RODRIGUES (2002), a opinião e a crença se diferenciam de atitude, pela ausência da conotação afetiva.

Dessa maneira as atitudes sociais podem ser interpretadas de variadas formas, devido à existência de instrumentos múltiplos para essa apreensão. Segundo TANAKA (2007), a escala de atitudes sociais é a mais frequentemente utilizada e, também a mais cuidadosamente planejada, entretanto existem diferentes tipos de escalas sociais vigentes, as escalas mais utilizadas são as de intervalos, aparentemente iguais ou de comparação; a escala de soma das avaliações no modelo Likert, a escala de distância social de Bogardus, a escala de diferencial semântico de Osgood, Suci e Tannenbaum, o escalograma de Gutman. (KRECH, CRUTCHFIELD, BALLACHEY , 1973; GILL 1999).

Diante disso, a realização deste estudo demonstrou diferenças e ambiguidades de difícil mensuração, como as atitudes profissionais frente ao tema: inclusão. De acordo com OMOTE & PEREIRA (2011), ao descreverem 172 atitudes sociais em relação à inclusão de professores do ensino fundamental I, de uma cidade paranaense, evidenciou-se que os mais jovens apresentavam atitudes sociais mais favoráveis em relação aos professores mais velhos, também não havendo diferenças significativas em relação ao tempo de escolaridade. Já as experiências no ensino de alunos com deficiência (sala comum, especial, multifuncional), os resultados foram afetados significativamente.

Outro estudo realizado com 56 alunos do Centro Especifico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), sobre a mudança de atitudes sociais em relação à inclusão escolar de alunos com deficiência demonstrou relevância na aplicação da ELASI nas suas duas formas equivalentes A e B, resultando em sujeitos mais interessados pelos estudos sobre a educação especial, revelando através de uma intervenção breve, a possibilidade de alteração das atitudes desses sujeitos frente à inclusão. (OMOTE, OLIVEIRA, BALEOTTI e MARTINS, 2005).

De igual modo os estudos de CHAHINI & OMOTE (2010), sobre as atitudes sociais e opiniões de professores e alunos da Universidade Federal do Maranhão, em relação à inclusão de alunos com deficiência na educação superior, demonstraram a intenção de alunos e professores buscando contribuir com o processo de permanência dos alunos com deficiência na universidade, não apresentando diferenças importantes nos resultados das atitudes sobre a inclusão (EIASI – A). Porém, entre os discentes com e

sem amigos deficientes, a Elasi-forma B revelou que ter ou não amigo com deficiência influencia na atitude favorável dos estudantes, diante desse processo.

De acordo com Esposito e Reed (1986), Roberts e Lindsell (1997), Martins (1999), Krajewski e Hyde (2000) e Magiati, Dockrell e Logotheti (2002), em estudos realizados com crianças, verificou-se a importância da experiência, do contato entre alunos com e sem deficiência na busca pelo desenvolvimento de atitudes sociais favoráveis nas interações e a plena inclusão desses alunos com deficiência e transtorno global do desenvolvimento. (In: CHAHINI & OMOTE, 2010).

Desse modo os estudos demonstraram que a realização de uma investigação sobre as opiniões de professores, pode ser bastante reveladora daquilo que o docente acredita e pratica sobre os indivíduos com deficiência e transtorno global do desenvolvimento, entendemos a ELASI- forma A, como instrumento importante para a construção metodológica de pesquisas sobre a inclusão escolar, co-construindo junto aos professores ideias novas sobre um tema bastante contemporâneo.

*

A seguir apresentamos os resultados do estudo realizado com os 114 professores, do Município. Inicialmente dispomos a distribuição por escolaridade dos participantes tendo como base o teste da Igualdade de Duas Proporções.

Tabela 1: Distribuição da Escolaridade

Escolaridade	N	%
Ensino médio	11	9,6%
Ensino superior	89	78,1%
Pós-graduação	13	11,4%

Observamos, portanto, na tabela 1, que o nível de escolaridade mais recorrente foi a graduação em nível superior com 78,1% e considerado diferente dos demais níveis de escolaridade, atentamos que um dos professores participantes não preencheu o campo escolaridade.

Ainda quanto as variáveis qualitativas, analisamos a distribuição por ocupação, entre os professores da educação infantil e do ensino fundamental.

Tabela 2: Distribuição da Ocupação

Ocupação	N	%
Prof Infantil	40	35,1%
Prof Fund	74	64,9%

Notamos, a partir dos dados apresentados na Tabela 2, que a ocupação mais recorrente foi de professores do ensino fundamental com 64,9% e, estatisticamente diferente dos 35,1% das professoras da educação infantil.

Em seguida dispomos a relação entre a idade e o tempo de magistério buscando, verificar a existência ou não dessa relação quanto ao grupo estudado.

Tabela 3: Descritiva Completa para Idade e Tempo de Magistério

Descritiva	Idade	Tempo de Magistério
Média	40,8	13,2
Mediana	39,0	10,0
Desvio Padrão	14,0	8,8
CV	34%	67%
Q1	30,3	7,0
Q3	46,8	18,0
Min	24	0
Max	71	44
N	114	114
IC	2,6	1,6

Os quartis são descritivas de posição, ou seja, não são influenciadas por valores extremos (como a média e desvio padrão). O 1º quartil (Q1) nos mostra a distribuição até 25% da amostra, e o 3º quartil (Q3) mostra a distribuição até 75% da amostra.

Na tabela acima verificamos que idade possui baixa variabilidade, esse aspecto é positivo, pois demonstra que os dados são homogêneos. Podemos dizer que a idade média foi de 40,8 e o tempo de magistério de $\pm 2,6$ anos.

Após a descrição primeira dos aspectos relativos à escolaridade, ocupação profissional, idade e tempo de magistério dispomos em seguida a mensuração do desempenho obtido pelos professores quanto a ELASI, forma A.

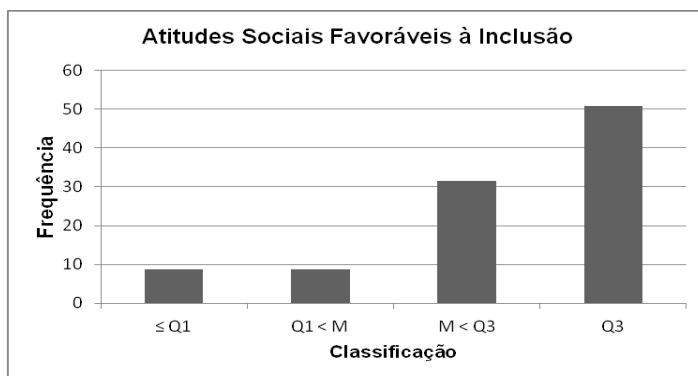
Tabela 4 Medidas-resumo do escore total da Escala de Atitudes Sociais em relação à inclusão, para os professores de Educação Infantil e do Ensino Fundamental.

	Educação Infantil	Ensino Fundamental	Total	P
N	40	74	114	0,062
média	132,43	126,12	128,33	
mediana	134,50	130,00	131,00	
mínimo-máximo	103,00-150,00	76,00-148,00	76,00-150,00	
desvio-padrão	11,61	16,06	14,91	

A medida-resumo exposta na tabela 4, demonstrou maior desempenho, quanto às atitudes expressas em relação à inclusão, pelos professores de educação infantil em comparação ao desempenho dos professores do ensino fundamental. Em síntese não houve diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos dois grupos:

Professores de educação infantil e ensino fundamental conforme o gráfico expresso abaixo:

Gráfico 1. Mensuração das atitudes sociais em relação à inclusão



O gráfico 1 demonstrou aproximadamente 17% dos professores participantes não favoráveis à inclusão, enquanto cerca de 32% com atitudes mais favoráveis à inclusão e mais de 50% dos participantes totalmente favoráveis à inclusão escolar.

Prosseguindo, medimos o grau de relação entre a idade e o tempo de magistério com os escores. Utilizamos para isto, a Correlação de Pearson e para validação das correlações, utilizamos o Teste de Correlação.

Tabela 5. Correlação de Idade e Tempo de Magistério com os Escores

	Idade		Tempo de Magistério		
	Corr	P-valor	Corr	P-valor	
Ideológico	Fav.	-9,6%	0,311	-6,6%	0,487
	Desfav.	-18,4%	0,050	-16,4%	0,081
	Total	-16,2%	0,086	-13,5%	0,153
Operacional	Fav.	-13,1%	0,166	-19,0%	0,043
	Desfav.	-8,8%	0,354	-10,2%	0,282
	Total	-12,1%	0,200	-15,7%	0,095
Mentira	-7,0%	0,458	11,2%	0,237	

Total	-15,9%	0,091	-15,4%	0,102
-------	--------	-------	--------	-------

Quando a correlação for positiva, significa que à medida que uma variável aumenta seu valor, a outra correlacionada à esta, também aumenta proporcionalmente. Porém, se a correlação for negativa, implica que as variáveis são inversamente proporcionais, ou seja, na medida em que uma cresce a outra decresce, ou vice versa.

Para a análise da correlação podemos seguir três etapas:

1. Verificar através do p-valor se é significativa, ou seja, se existe.
2. Verificar se o valor é positivo (proporcional) ou negativo (inversamente proporcional).
3. Classificar segundo a régua da metodologia o quão bom é a correlação.

Diante disso verificamos a existência de correlação dos escores para idade e o tempo de magistério em apenas dois índices estatisticamente significantes: Para a idade de 0,05 em relação ao enunciado ideológico e 0,043, quanto ao tempo de magistério no enunciado operacional. Logo é importante ressaltar essa relação existente entre a idade cronológica das professoras, o tempo de experiência no magistério e o desempenho obtido na ELASI – forma A. Vejamos a seguir:

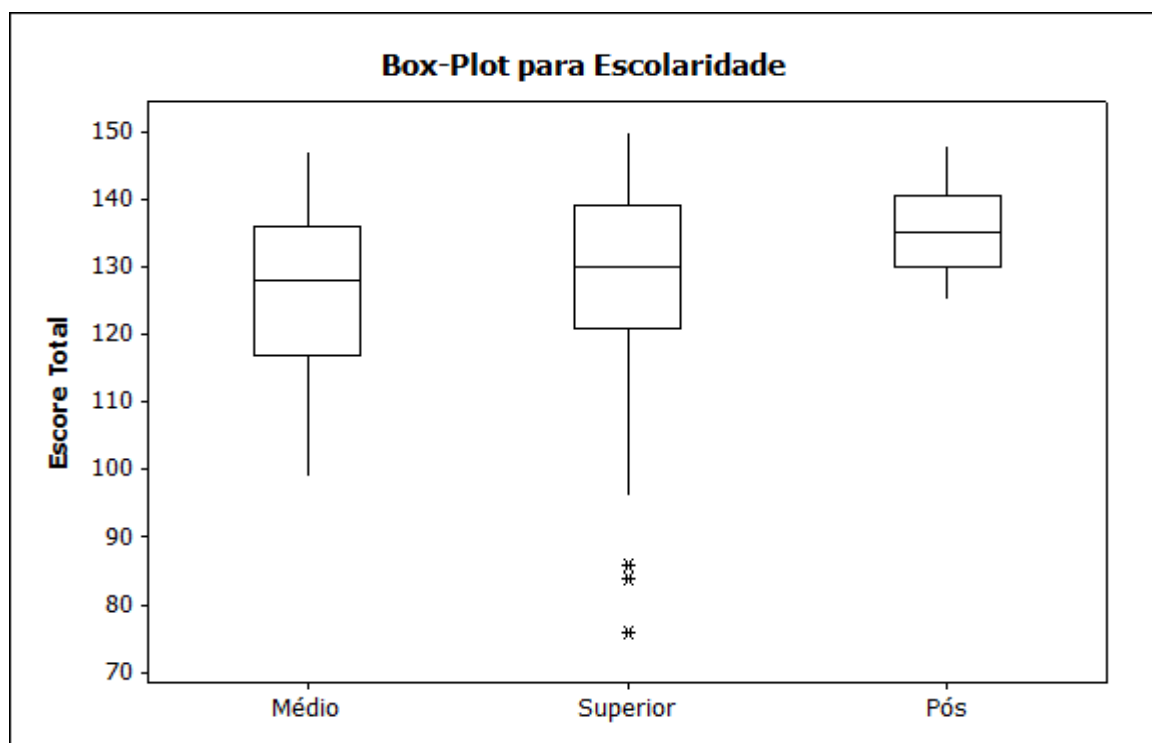
Tabela 6: Compara Escolaridade para os Escores

Escolaridade		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor	
Ideológico	Médio	49,3	48	4,1	8%	43	55	11	2,4	0,082	
	Favorável	Superior	49,8	50	4,9	10%	31	55	89		1,0
	Pós-Grad.	52,8	54	2,5	5%	48	55	13	1,4		
	Desfavorável	Médio	44,2	47	7,3	17%	25	50	11	4,3	0,200
		Superior	43,8	46	6,2	14%	24	50	89	1,3	

		Pós-Grad.	47,0	49	3,1	7%	41	50	13	1,7	
		Médio	93,5	98	9,9	11%	73	105	11	5,8	
	Total	Superior	93,6	96	10,0	11%	55	105	89	2,1	0,092
		Pós-Grad.	99,8	99	4,7	5%	91	105	13	2,6	
		Médio	18,5	19	1,8	9%	15	20	11	1,0	
	Favorável	Superior	17,7	19	3,1	18%	7	20	89	0,6	0,399
		Pós-Grad.	18,7	19	1,1	6%	17	20	13	0,6	
		Médio	13,6	13	5,7	42%	7	22	11	3,4	
Operacional	Desfavorável	Superior	16,4	17	4,7	28%	5	25	89	1,0	0,169
		Pós-Grad.	16,7	17	3,7	22%	12	23	13	2,0	
		Médio	32,2	31	6,9	21%	23	42	11	4,1	
	Total	Superior	34,1	36	6,7	20%	13	45	89	1,4	0,485
		Pós-Grad.	35,4	36	4,1	12%	30	43	13	2,2	
		Médio	0,18	0	0,60	332%	0	2	11	0,36	
	Mentira	Superior	0,06	0	0,23	412%	0	1	89	0,05	0,254
		Pós-Grad.	0,00	0	0,00	- x -	0	0	13	- x -	
		Médio	125,8	128	15,2	12%	99	147	11	9,0	
	Total	Superior	127,7	130	15,6	12%	76	150	89	3,2	0,207
		Pós-Grad.	135,2	135	6,5	5%	125	148	13	3,5	

Concluimos a partir da tabela 6 que, embora existam diferenças médias entre os níveis de escolaridade em todos os escores, as mesmas (diferenças) não podem ser consideradas estatisticamente significantes, o box-plot para escolaridade evidencia um pouco tais diferenças não significativas encontradas, revelando quanto maior a especialização do professor maiores são os escores obtidos (ELASI- forma A).

Gráfico 2: Box-Plot da Escolaridade para o Escore Total



A tabela 7 sintetiza a relação da ocupação: Grupo de professores da educação infantil e do ensino fundamental a partir da ANOVA.

Tabela 7. Compara Ocupação para os Escores

Ocupação		Média	Mediana	Desvio Padrão	CV	Min	Max	N	IC	P-valor
Favorável	Prof Infantil	50,7	52	4,1	8%	39	55	40	1,3	0,298
	Prof Fund	49,7	50	4,9	10%	31	55	74	1,1	
Ideológico	Desfavorável	45,8	47	4,8	10%	32	50	40	1,5	0,034
	Prof Fund	43,2	46	6,5	15%	24	50	74	1,5	
Total	Prof Infantil	96,5	98	7,7	8%	75	105	40	2,4	0,067
	Prof Fund	93,0	96	10,5	11%	55	105	74	2,4	
Operacional	Favorável	19,0	19	1,4	7%	13	20	40	0,4	0,004
	Prof Fund	17,4	19	3,3	19%	7	20	74	0,7	
	Desfavorável	17,0	17	4,7	28%	7	25	40	1,5	0,176
	Prof Fund	15,7	16	4,6	29%	5	23	74	1,1	

Total	Prof Infantil	35,9	36,5	5,3	15%	24	45	40	1,6	0,024
	Prof Fund	33,1	34	6,9	21%	13	43	74	1,6	
Mentira	Prof Infantil	0,05	0	0,22	441%	0	1	40	0,07	0,747
	Prof Fund	0,07	0	0,30	447%	0	2	74	0,07	
Total	Prof Infantil	132,4	134,5	11,6	9%	103	150	40	3,6	0,030
	Prof Fund	126,1	130	16,1	13%	76	148	74	3,7	

Concluimos de forma geral que existiram diferenças estatisticamente significantes quanto às diferenças entre as ocupações (professores de educação infantil e professores do ensino fundamental), para a média dos escores, conforme medida-resumo (tabela 7). Em síntese, o total geral dos professores de educação infantil, tiveram média de 132,4 versus 126,1 dos professores do ensino fundamental, porém conforme consta na tabela, houve valor significativo quanto as perguntas de caráter ideológico e operacional. Vejamos quais foram os itens que obtiveram maior contraponto na resposta dos professores:

- pergunta 4 (dentro do processo de escolarização, os alunos devem ser separados em categorias, de acordo com o nível de aproveitamento);
- pergunta 12 (os alunos deficientes não devem frequentar classe comum);
- pergunta 13 (pessoas com deficiência não devem chegar à universidade porque não têm condições de cumprir com os compromissos acadêmicos).

Para terminar, medimos o grau de consistência interna dos dados, ou seja, verificamos adequabilidade interna dos 35 enunciados que compõem a Elasi – forma A.

Tabela 8. Alfa de Cronbach

Alfa de Cronbach	
valor	0,8597

O valor de Alfa de Cronbach tem valor máximo de 1 e neste estudo o valor de 0,8597, pode ser considerado bastante alto e expressivo. Assim, podemos dizer que a Escala aplicada foi bastante consistente.

*

Quando nos referimos à dimensão ideológica presente na escala, nos referimos aos princípios político-filosóficos que contemplam a proposta de inclusão. Já, ao tratar dos enunciados com dimensão operacional, nos deparamos com a execução cotidiana de práticas pedagógicas inclusivas, para tornar possível o processo de inserção educacional. Diante disso, segundo BALEOTTI & OMOTE (2003), os fundamentos históricos, políticos e filosóficos que orientam a perspectiva da educação inclusiva *deixam claro que a ideia é a de se comprometer com tal proposta, no sentido de que os alunos com deficiência não estejam apenas inseridos fisicamente na classe comum, mas também, social e pedagogicamente.*

Conclui-se então, que a sociedade não apresentando atitudes favoráveis, condições ideológicas e operacionais para incluir os alunos com deficiência, por sua vez a proposta de educação inclusiva isolada não reunirá condições de responder social e educativamente quanto ao atendimento escolar desse público - BALEOTTI, OMOTE (2003).

O desempenho obtido pelos professores quanto aos enunciados ideológicos, logo que cruzamos seus escores com a escolaridade, no geral, não apresentaram dados estatisticamente significantes. No entanto, verificamos algumas tendências significantes discutidas a seguir:

As professoras com formação no ensino médio (magistério, curso normal superior), (N=11) obtiveram a pontuação mínima de 73 e o máximo de 105, com a mediana de 98 para as questões ideológicas. Já as professoras com graduação (N=89) tiveram a mínima de 55, máxima 105 e a mediana foi de 96. As professoras com pós-graduação (N=13), alcançaram mínima de 91, máxima de 105 e mediana de 99. Imediatamente, observamos um desempenho maior quanto aos enunciados ideológicos respondidos pelas prof^{as} com pós-graduação, mas estatisticamente essa não pode ser uma conclusão válida a ser generalizada. Desse modo, do conjunto de professoras analisadas (N=114), não podemos relacionar a quantidade de estudos com a melhoria no

desempenho das atitudes em relação à inclusão. Isso pode ter se dado pelo restrito número de professores respondentes da Elasi, forma A, porém não deixa de ser um indicativo para estudos posteriores.

Concluimos que, embora existam diferenças médias entre os níveis de escolaridade em todos os escores, as mesmas (diferenças) não podem ser consideradas estatisticamente significantes.

REFERÊNCIAS

BALEOTTI, L. R., OMOTE. S. Atitudes sociais de alunos do Ciclo I do Ensino Fundamental em relação à inclusão: construção de uma escala infantil. In: V Simpósio em Filosofia e Ciência. Anais Eletrônico. Unesp, Marília, 2003.

CHAHINI, T. H. C. Atitudes sociais e opiniões de professores e alunos da Universidade Federal do Maranhão em relação à inclusão de alunos com deficiência na Educação Superior. Tese de Doutorado, FFC, Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, 2010.

ESPOSITO, B. G.; REED, T. M. The effects of contact with handicapped persons on Young children's attitudes. *Exceptional Children*, v. 53, n. 3, p. 224-229, 1986.

KRECH, D; CRUTCHFIELD, R.S; BALLACHEY, E.L. *O Indivíduo na Sociedade*. São Paulo: Pioneira, 1969.

OMOTE, S. & PEREIRA, A.A.K. Atitudes sociais de professoras de um município de médio porte do Paraná em relação à inclusão. 2011

OMOTE, S. OLIVEIRA, A. A. S. BALEOTTI, L.R. MARTINS, S. E. S. Mudança de atitudes sociais em relação à inclusão. 15 (32). 387 – 398. *Paidéia*, 2005.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TANAKA, Eliza Dieko Oshiro. *O desenvolvimento de uma Escala de Atitudes Sociais em relação ao trabalho da pessoa com deficiência*. Tese de doutorado: Marília, 2007.

